

---

## Relato de uma experiência de errância pelo centro de São Paulo na noite da Virada Cultural de 2018

*Reports of a wandering experience in São Paulo downtown in Virada Cultural evening in São Paulo in 2018*

**Gabriela Kaufmann Sacchetto**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7310>

DOI: 10.4000/pontourbe.7310

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Gabriela Kaufmann Sacchetto, « Relato de uma experiência de errância pelo centro de São Paulo na noite da Virada Cultural de 2018 », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7310> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7310>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Relato de uma experiência de errância pelo centro de São Paulo na noite da Virada Cultural de 2018

*Reports of a wandering experience in São Paulo downtown in Virada Cultural evening in São Paulo in 2018*

**Gabriela Kaufmann Sacchetto**

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 01/09/2018

Aceitação / Accepted 10/01/2019

O caminhar condiciona a vista e a vista  
condiciona o caminhar a tal ponto que parece que  
apenas os pés podem ver  
Robert Smithson<sup>1</sup>

## Introdução

- <sup>1</sup> O presente trabalho apresenta-se como um relato de um exercício de errância no centro da cidade de São Paulo. Antes de adentrar na narrativa produzida com base nessa experiência, julgo necessário introduzir ao leitor o caminho que me levou à construção deste texto. O desafio de articular os desdobramentos da pesquisa artística desenvolvida no mestrado<sup>2</sup> aos conteúdos discutidos na disciplina de Antropologia da Cidade pareceu-me, inicialmente, insuperável. O contato com textos e questões levantadas pelo curso causaram, a princípio, a impressão de que os processos envolvidos na construção do trabalho artístico pouco se relacionavam às questões ligadas à prática etnográfica no espaço urbano. Sendo assim, concluí, precipitadamente,

que os textos da disciplina ajudariam apenas de maneira tangencial a refletir acerca das questões que me interessavam ao pensar a cidade.

- 2 A leitura do texto “A guerra dos lugares”, de Antonio Arantes (1994), no entanto, levou-me a perceber que os deslocamentos a pé pela cidade, prática imprescindível para o desenvolvimento do meu trabalho poético, eram também objeto de reflexão e pesquisa no campo da antropologia urbana. A proposta, presente em tal texto, de perceber a cidade por uma perspectiva pedestre despertou, de imediato, minha atenção. Entrevi, a partir de então, a possibilidade de articular de forma mais precisa os meus interesses às discussões propostas pela disciplina.
- 3 Tendo o ato de caminhar como ponto de partida, iniciei meus estudos pelo texto “O espaço habitado segundo Michel de Certeau”, de François Dosse (2004), que introduziu algumas questões aprofundadas posteriormente pela leitura do livro *A invenção do cotidiano* (CERTEAU, 2014 [1980]). Inicialmente a minha ideia era articular o conceito de *práticas do espaço*, de Certeau, com algumas experiências de deriva pelo espaço urbano propostas em meados do século XX pelo grupo de artistas situacionistas.
- 4 O estudo, fundamentado principalmente no livro *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade* (JACQUES, 2003), das ações praticadas por esses artistas despertou-me o desejo de propor um exercício empírico nas ruas da cidade. A intenção de realizar uma experiência de errância no espaço urbano convergiu com a proposta da disciplina de produzir um relato etnográfico sobre algum aspecto da Virada Cultural de 2018.
- 5 É nesse contexto que surge o relato que apresento. Inspirada pelas proposições situacionistas e apoiada, principalmente, nos textos *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau e *Elogio aos errantes* de Paola Berenstein Jacques (2012), experimento, ao rés do chão, uma deriva pelo centro da cidade na noite da Virada Cultural.

## Relato

- 6 Ao propor sistematizar um relato sobre a Virada Cultural, percebo que a vivência e a reflexão acerca desse evento são alimentadas tanto pela experiência direta vivida nas ruas na madrugada da própria Virada quanto pela memória de edições anteriores. É interessante notar que o ato de caminhar pelas ruas já conhecidas despertava um movimento comparativo, que me levava a relembrar aquela paisagem em ocasiões anteriores e também em dias comuns, quando a rotina transcorre normalmente. Nesse sentido, por mais que o relato refira-se especificamente à noite do dia 19 e à madrugada do dia 20, a percepção desse evento e o exercício posterior de síntese, na forma de um texto escrito, da experiência vivida contaminam-se das experiências precedentes<sup>3</sup>.
- 7 A profusão de *shows*, peças de teatro e intervenções artísticas que ganham as ruas durante a Virada Cultural sempre geraram, em mim, uma ansiedade ao tentar decidir um percurso ou um cronograma de atrações a frequentar. Quando a programação é escolhida, raramente consigo segui-la. Encontros com amigos, atrasos dos *shows* e imprevistos sempre me fizeram desviar do programado. Esse fato não tornou as experiências anteriores menos ricas, mas me levou a pensar numa nova estratégia para percorrer o evento deste ano. Saí então de casa em direção ao centro da cidade deliberadamente sem nenhum roteiro prévio. Minha expectativa era encontrar pessoas, lugares e apresentações que me fizessem construir uma experiência pelas ruas da cidade na Virada Cultural.

- 8 A proposta de transitar pelo Centro seguindo os meus próprios passos, sem antes estabelecer, por meio de um mapa, um trajeto claro a ser percorrido incorpora a essa vivência uma dimensão deliberada de errância pelo espaço urbano<sup>4</sup>.
- 9 A ideia era praticar a cidade por uma perspectiva pedestre e experimentar um tipo de conhecimento espacial próprio aos praticantes ordinários da cidade. Nesse sentido, imagens, mapas e representações visuais do espaço que, na maioria dos casos, se pretendem totalizadores, não foram prioritários nessa experiência a que me propus. Certeau discorre sobre essas práticas :
- [...] estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade *opaca e cega* da cidade habitada. Uma cidade *transumante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível. (CERTEAU, 2014 [1980], p. 159, grifos do autor).
- 10 É, portanto, essa cidade insinuada, esse sentido metafórico do espaço, que se revela nas brechas da cidade planejada que me interessava descobrir nessa experiência. Talvez, por ser um momento em que a ordem espacial estava modificada por conta dos *shows* da Virada Cultural, esses elementos enfatizados por Certeau tenham ficado mais evidentes do que ficariam caso o exercício de errância tivesse sido proposto num dia comum.
- 11 Cheguei à Praça da República por volta das 19h. A rua estava cheia; barraquinhas de comida localizavam-se na lateral da praça e espalhavam pelo ar os cheiros dos alimentos. Era começo da noite; alguns aguardavam o início do *show* de Juçara Marçal; outros conversavam, bebiam, sentavam e caminhavam. Os palcos “Queer” e “Cabaré” dividiam o espaço da praça naquela noite, e era possível perceber, pela maneira de se vestir e de andar, que diferentes agrupamentos sociais, que dificilmente conviveriam, estavam ali compartilhando o mesmo espaço.
- 12 Continuei meu trajeto. As ruas estavam ocupadas mesmo onde não havia nenhum palco montado. Os semáforos, que ainda funcionavam – e continuavam, obstinadamente, a mostrar suas luzes vermelhas, amarelas e verdes –, representavam a memória do uso projetado para aquele espaço, pensado para ser ocupado sobretudo por carros, cuja circulação seria regulada por suas luzes. Nesse contexto, os semáforos perderam sua função reguladora e organizadora; viraram iluminação decorativa daquela noite. “São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano” (JACQUES, 2012, p. 120). O Centro transformou-se num lugar ocupado, ativado e experimentado pelo caminhar. O projeto urbano foi, portanto, atualizado e transformado por aqueles que, naquela noite, praticavam o espaço.
- 13 Cheguei à Rua da Consolação, onde se concentrava uma multidão que aguardava o início da apresentação de Caetano Veloso com o bloco Tarado Ni Você. Acompanhei o bloco, mas era difícil encontrar um lugar em que se ouvisse o *show* com qualidade. As pessoas, mesmo assim, cantavam, divertiam-se, dançavam. O bloco estava muito cheio; era difícil escolher a direção para onde andar e o caminho a percorrer; a multidão descia, como um grande corpo, a Avenida Consolação.
- 14 De volta ao centro antigo da cidade, caminhei, agora atenta não só à paisagem urbana que eu desenhava – não com os olhos, mas com os passos<sup>5</sup> –, mas também à paisagem sonora, que a cada esquina, a cada palco, se transformava. Forró, música eletrônica,

samba, *hip-hop*, conversas, brigas, risadas eram sons que concorriam entre si e que a cada rua se revelavam, e construíam a experiência desse espaço. Pensei em como aqueles sons eram diferentes dos sons que ocupam aquelas ruas em dias comuns<sup>6</sup>, uma vez que nesta ocasião o centro da cidade é reorganizado para receber um evento que intencionalmente se apresenta como um espetáculo para os sentidos, principalmente a visão e a audição.

- 15 Sem querer, cheguei ao *show* do Geraldo Azevedo, onde observei muitos casais dançando ao som do álbum *Bicho de sete cabeças*. Escutei apenas as duas últimas músicas. Observei a diferença entre o clima, os corpos que, tranquilos, escutavam as músicas e a agitação que, a pouquíssimos metros dali, tomava conta da Praça das Artes, onde ocorria um espetáculo de dança vertical. Foi interessante observar como dois universos muito diferentes conviviam a poucos metros de distância e como, em cada um dos lugares, os movimentos dos corpos, as relações entre as pessoas, aconteciam de maneiras muito diferentes.
- 16 Até as 2h da manhã, no caminho para casa, passei ainda pelos *shows* de RZO, Aline Calixto, Cidadão Instigado, bem como pelos palcos de Humor, Circo e Forró. Não assisti a nenhuma apresentação completa. Percebi que, embora a proposta de me perder pelo centro da cidade e experimentar a Virada Cultural sem nenhum planejamento prévio tivesse sido inédita para mim, a experiência geral ligada à vivência da cidade à noite, à caminhada pelas ruas e à apreciação que se deu, mais uma vez, de forma fragmentada dos eventos culturais não foi muito diferente daquela vivida em anos anteriores. Observo, ao produzir este relato, que a experiência de vivenciar a cidade sob uma perspectiva não ordinária foi, assim como nas edições anteriores da Virada Cultural, muito mais significativa do que a apreciação dos eventos culturais que tomaram conta das ruas.
- 17 Sendo assim, os desvios, os encontros e os imprevistos fazem com que a noite da Virada Cultural seja muito mais a experiência de caminhar pela cidade do que propriamente assistir às apresentações culturais que se espalham por ela. Um tipo de caminhada, porém, que só pode acontecer nessa noite, pois é nesse momento em que as ruas estão ocupadas, cheias, abertas aos pedestres. Nesse sentido, os *shows*, as programações sempre muito interessantes, surgem, para mim, e acredito que para outras pessoas, como um grande pretexto para experimentar a cidade a pé, de madrugada.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Antonio A. 1994. "A guerra dos lugares". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, p. 191-203.
- CARERI, Francesco. 2013. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili.
- CERTEAU, Michel de. 2014 [1980]. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.
- DOSSE, François. 2004. "O espaço habitado segundo Michel de Certeau". Traduções Artcultura, n. 9, p. 83-94.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). 2003. *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

\_\_\_\_\_. 2012. *Elogio aos errantes*. Salvador: Edufba.

SILVA, Hélio R. S. 2009. “A situação etnográfica: andar e ver”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 15, n. 32, p. 171-188. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200008)>. Acesso em: 28 jan. 2019.

## NOTAS

1. Apud Careri (2013, p. 110).
2. Pesquisa de mestrado desde janeiro de 2018 no PPGAV/ECA-USP, na área de Poéticas Visuais, sob orientação do Prof. Dr. Marco Buti. O trabalho poético – mais especificamente, gravuras e pinturas autorais – são o objeto da pesquisa, que tem a experiência da cidade, suas imagens, caminhos e construções como deflagradores dos processos artísticos, ou seja, a cidade vivenciada e observada é fonte dos trabalhos desenvolvidos. O olhar ativo e atento desempenha um papel primordial na construção das pinturas e gravuras; por meio desse olhar, a cidade cotidiana se torna fonte de imagens e significado.
3. Arantes (1994, p. 198) escreve sobre como “o deslocamento excita a imaginação. Indaga, perscruta, libera lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas”. Essa dimensão da memória, deflagrada pelo deslocamento, está presente de diversas maneiras neste relato.
4. A experiência de errar pela cidade está ligada à capacidade de perder-se deliberadamente num espaço conhecido. Paola Berenstein Jacques escreve que o errante “seria aquele que consegue se perder mesmo na cidade que mais conhece, que erra o caminho voluntariamente, e através do erro (e da errância que este erro provoca) realiza uma apreensão ou percepção espacial diferenciada da sua própria memória local” (2012, p. 121).
5. A sensação de não ter a clareza visual do caminho que se percorre se relaciona com um tipo de conhecimento espacial que, segundo Certeau (2014 [1980], p. 159), é próprio dos praticantes ordinários da cidade “cujo corpo obedece as plenitudes e descontinuidades de um texto urbano que eles escrevem sem poder ler. Esses praticantes brincam com os espaços que não são vistos; eles têm um conhecimento tão cego do espaço quanto no corpo a corpo amoroso. [...] Tudo acontece como se uma cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada”.
6. Hélio R. S. Silva, quando escreve sobre as diferentes atividades que compõem o percurso do etnógrafo no campo, em seu texto “A situação etnográfica: andar e ver”, aborda a complexidade de sintetizar na forma de um texto as experiências sensoriais envolvidas na pesquisa etnográfica. “A matéria do escrever, isto é, o que a escrita modela, é a matéria da visão, da audição, do olfato, do tato, do paladar, mas sobretudo as compósitas, as percepções produzidas por múltiplos canais, pelos cruzamentos áudio-táteis, palato-visuais, as sensações produzidas pela mistura ‘daquela música’ com ‘aquele cheiro’. Todos os cinco sentidos estão a modelar os estímulos do campo, alguns deles modelam em operações combinadas” (SILVA, 2009, p. 183).

---

## AUTOR

### **GABRIELA KAUFMANN SACCHETTO**

Mestranda em Artes Visuais, na área de concentração em Poéticas Visuais, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de São Paulo (PPGAV/ECA-USP). Graduada em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) E-mail : [gabriela.sacchetto@usp.br](mailto:gabriela.sacchetto@usp.br)